centivar para que todos da comunidade escolar conheçam e busquem novas propostas, visando sempre a educação pública de qualidade.

Por meio das políticas públicas é possível ampliar o ensino para todos os brasileiros, pois somente com ações efetivas a sociedade poderá evoluir e conquistar cada vez mais seu espaço.

Com investimento certo na educação, o país poderá evoluir em vários aspectos, por isso a participação popular na cobrança de políticas públicas é essencial.

Sabemos da limitação dessa pesquisa, mas acreditamos ser importante retomar algumas ações e divulgar as existentes entre a comunidade escolar, pois nem todos sabem da existência desses programas, algo que pode ser investigado em outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sérgio de. Políticas públicas: discutindo modelos e alguns problemas de implementação. In: SANTOS JÚNIOR, Orlando A. Dos (et. al.). Políticas públicas e gestão local: programa interdisciplinar de capacitação de conselheiros municipais. Rio de Janeiro: FASE, 2003.

CALDAS, R.W. Políticas Públicas: conceitos e práticas. Belo Horizonte: Sebrae/MG, 2008.

CORDIOLLI, Marcos Antonio. Sistemas de Ensino e políticas educacionais no Brasil. Curitiba: Ibpex,2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/e> Acesso em 01/03/2021.

NOSELLA, P. A educação e o mundo do trabalho: a sociedade industrial à sociedade pós-industrial. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. (Século XX, v. 3).

OLIVEIRA, A.F. Políticas públicas educacionais: conceito e contextualização numa perspectiva didática. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp- content/.../texto-4--polÍticas-pÚblicas-educacionais.pdf.> Acesso em 01/03/2021.

PAR - Plano de Ações Articuladas relatório público apresentação. Disponível em: <http://simec.mec.gov.br/cte/relatoriopublico/principal.php> 01/03/2021.

PNAE –Plano Nacional de Alimentação Escolar. Disponível em:

<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/pnae> Acesso em 02/03/2021.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: questões temáticas e de pesquisa. Caderno CRH, Salvador, n. 39, jul./dez. 2003.

DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS ALÉM DA FORMAÇÃO ACADÊMICA

ELAINE GOMES DOS SANTOS

Resumo:

Aprofundar os conhecimentos sobre a docência no ensino superior traz a reflexão sobre de que forma a identidade do professor neste meio é vista e entendida. As lacunas entre a prática no ensino e a relação pedagógica se evidenciam no decorrer do estudo sobre o assunto. É preciso passar a enxergar

a diferença entre um profissional de área e um docente, para expandir os horizontes e, de maneira consciente, direcionar a docência no ensino superior ao mundo pedagógico dinâmico, didático e efetivo. Este estudo trata justamente desta questão, de por em prática o ensino além do simples repasse de conhecimentos, abolindo a visão simplista de que ser docente no ensino superior é sinônimo de total domínio de uma área ou assunto sem a necessidade de ser um docente na prática, adotando meios inovadores de ensino.

Palavras-chave: Formação docente – Docência no ensino superior – Relação pedagógica – Desafios pedagógicos – Formação Pedagógica

1. INTRODUÇÃO

Pouco se fala das particularidades e, por que não, das qualidades necessárias para ser um bom profissional educador. Adota-se como padrão que conhecer bem sobre um assunto te permite ensinar outras pessoas sobre ele, o que não é uma verdade exata. Para que se possa ensinar é preciso uma série de características que permitirão que, ao repassar os conhecimentos que tem, o professor possa obter resultados satisfatórios junto aos alunos.

Dados do Censo mostram a expansão gritante do número de professores no Brasil. O número de profissionais atuantes na docência universitária em um período de 10 anos teve um aumento considerável, chegando a aproximadamente 397 mil professores com as mesmas características de formação atuando no ensino superior. Por exemplo, profissionais atuantes na rede pública universitária possuem, em maioria, doutorado enquanto que, na rede privada, prevalece a formação de docentes mestres.

A contagem do ano de 2018 mostrou que houve uma queda no número de docentes horistas e em contrapartida, um expressivo aumento na atuação em tempo integral e parcial, deixando claro que as condições de trabalho, bem como os vínculos da rede privada, se tornaram mais atrativos e procurados pelos docentes em exercício, ocorrendo o mesmo fluxo na rede pública. A ascensão da integralidade do tempo dedicada ao ensino superior traz uma conclusão aos observadores do nicho: Profissionais que atuavam em empresas diversas diretamente na profissão que ensinam teorias aos seus alunos em sala, estão se dedicando integralmente ao ensino e deixando a atuação profissional.

O gráfico a seguir nos traz um parâmetro da expansão dos profissionais de ensino em ambas as categorias e nos leva a reflexão sobre a qualificação destes profissionais atuantes em sala de aula:

NÚMERO DE DOCENTES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR, POR CATEGORIA ADMINISTRATIVA - BRASIL – 2008-2018

ANO	TOTAL	DOCENTES EM EXERCÍCIO	
		PÚBLICA	PRIVADA
2008	321.493	111.894	209.599
2009	340.817	122.977	217.840
2010	345.335	130.789	214.546
2011	357.418	139.584	217.834
2012	362.732	150.338	212.394
2013	367.282	155.219	212.063
2014	383.386	163.113	220.273
2015	388.004	165.722	222.282
2016	384.094	169.544	214.550
2017	380.673	171.231	209.442
2018	384.474	173.868	210.606

Fonte: Elaboração própria com base em dados do Censo da Educação Superior 2018.

Tabela 1 – docentes na educação superior no Brasil – Fonte: Censo/MEC

Será suficiente a experiência em campo que a esmagadora maioria possui, após anos atuando em empresas, indústrias e afins? O conhecimento obtido no dia a dia da prática então permite que o profissional tenha plenas possibilidades de ensinar?

Que tipo de conhecimento didático o profissional atuante desenvolve, dos quais possa se valer para o ensino docente? Questões importantes precisam ser respondidas para que possamos entender se o perfil do professor do ensino universitário é o ideal ao ambiente acadêmico ou se estamos lidando com o exaurido ensino tradicional do repasse de informações e não a sua troca, fundamental para o verdadeiro aprendizado.

Para tratar da capacidade de evoluir a didática aplicada, precisamos entender que o conhecimento adquirido na vivência atuante em uma empresa privada, uma metalúrgica ou uma indústria, por exemplo, não trará prática em um item fundamental para a transmissão do conhecimento de maneira completa, assim como a formação para exercer o ensino de determinada disciplina não trará os detalhes do quão necessário é aprofundar os conhecimentos na questão pedagógica e didática.

Para atuar no ensino é preciso desenvolver a relação pedagógica. É simplista considerar que pra ensinar basta conhecer determinado assunto e pensar ser capaz de dominar uma sala de aula ansiosa por conhecer mais e profundamente uma determinada matéria transmitindo o que sabe de maneira consciente.

2. PARA SER DOCENTE É PRECISO DESENVOLVER A DOCÊNCIA

Estudantes universitários são um grupo complexo de se ensinar. São adultos, e também jovens adultos, que optaram por aprender sobre um determinado assunto, se aprofundar nele, para então, atuar profissionalmente naquela área. Estão sedentos por conhecer melhor algo que já é de seu interesse e buscam o ensino superior para tal.

É um público questionador, que já traz em sua bagagem conhecimento externo, vivências e experiências e, desta feita, busca agregar conhecimentos aos que possui. É um desafio ao professor mostrar a estes estudantes o que tem a ensinar, de maneira que os faça absorver em sua prática. Diferente de um aluno em fase de alfabetização, por exemplo, que apesar de também trazer suas experiências de vida, acaba por aceitar mais passivamente o que lhe é ensinado, considerando as verdades expostas pelo adulto no papel docente como verdades, por vezes, absolutas, embora nem sempre o sejam.

Aplicar a didática no ensino superior requer especializações diversas e aprofundadas por parte dos profissionais que nunca atuaram na educação anteriormente, principalmente no que tange às relações que terão em sala de aula.

Deve se considerar que, muito sobre as possibilidades didáticas é visto superficialmente durante o curso superior e o futuro professor acaba, seja por falta de tempo ou por desinteresse, passando direto por um assunto essencial à rotina letiva.

Há a possibilidade de buscar cursos de extensão que abordem o assunto, mas o que se vê, em uma visão generalista, são cursos superficiais, com uma pobreza extrema de métodos, que nem mesmo abordam as possibilidades de se ensinar ou então pendem a um determinado tipo de ensino, tendo como foco a matéria específica a ser ensina-

da pelo docente, podendo gerar um profissional confuso, que acaba por optar pelo método tradicional de ensino. Acaba-se com uma aula monótona, onde o educador age como único detentor de conhecimento explanando teorias sem prática, os alunos perdem o interesse no assunto ou deixam de se aprofundar no mesmo, enquanto poderiam obter o máximo do tema de seu orientador que, com certeza tem muito mais potencial a atingir do que conseguiu demonstrar.

Assim, o profissional recém-formado tem poucas opções e, em muitas vezes, adentra o mundo da docência sem conhecimentos adequados da melhor forma de transmitir o que conhece, entrando em sala com o objetivo de palestrar quando deveria estar aberto a uma troca ininterrupta de experiências permeada por conhecimentos teóricos fundamentais sobre o assunto.

Essa falta de compreensão por parte do professor, bem como das instituições de ensino superior, do quão necessário e importante é o correto preparo para o exercício da docência é apresentado por ISAIA (2006) quando a autora cita que, embora conscientes de que sua função é formativa, os educadores não acham necessário se preparar para tal e acreditam que este conhecimento virá ao longo da carreira ou que o que receberam no decorrer de suas carreiras profissionais já é o suficiente para que se tornem bons professores, partindo da premissa de que ser autodidata é irrelevante frente à questão de que é preciso desenvolver a docência para então considerar-se um docente. Não se pode ser um professor improvisado, despreparado para conduzir o estudante universitário, incapaz de ser um pesquisador e, até mesmo sem a tão fundamental formação pedagógica (PIMENTA e ANASTASIOU, 2008:38).

O papel principal do professor do ensino superior deve ser baseado em posicionamento. O professor detentor do conhecimento específico buscado por seus alunos deve se posicionar sobre os assuntos que abordará, resultando em universitários com capacidade crítica e capazes de analisar o contexto do que está sendo discutido e de que forma o que foi ensinada agregará em sua vida.

Uma solução válida e cabível para esta melhoria no ensino seria a obrigatoriedade do estágio para a formação, assim como já o é para a formação de docentes de ensinos fundamental e médio. A obrigatoriedade de acompanhar a rotina diária em campo abre horizontes e possibilidades que nenhuma aula teórica poderia oferecer. O quanto um professor agregaria ao seu conhecimento se vivesse e, em tempo real, visse a resolução do problema ou da questão pelo professor junto aos alunos?

As instituições de ensino teriam como opção direcionar suas grades curriculares além do básico devidamente cobrado pelo MEC, para um direcionamento mais assertivo, abrindo a visão de seus alunos para a necessidade e real importância que a formação pedagógica terá em seu percurso profissional, permitindo que estes tivessem consciência de que além da titulação que trazem em seu currículo, têm uma grande responsabilidade que é a de formar profissionais capacitados e capazes de acordo com o que irão transmitir de conhecimento específico.

O aluno ao término da aula precisa ser levado a pensar. Quais valores e comportamentos, a partir deste conhecimento, trará para sua vivência acadêmica e profissional? De que forma o que o professor ensinou im-

pactará em sua prática? A atuação pedagógica e didática do professor será decisiva no resultado.

A transmissão pelo professor daquilo que sabe precisa ser considerada uma relação de troca, onde este complementa o aluno enquanto se permite ser complementado também por ele. Deve enxergar o momento como uma via dupla de experiências que resultará em fortalecimento de aprendizado. É obrigatória a existência desta dinâmica para que o resultado seja equilibrado e o professor permita ao aluno lembranças positivas assim como as que ele próprio possui de sua carreira de aprendizado.

Quando questionados, todos os docentes apontam lembranças de professores que, de alguma forma, marcaram seu processo de aprendizado (de maneira positiva ou negativa) e em maioria, principalmente no início de sua carreira profissional, aplicam aos seus alunos métodos parecidos com os que viveu e guardou positivamente em sua memória. O mesmo vale para as experiências ruins, embora não seja possível diferenciar se as dificuldades que enxergava naquele professor eram relativas à ausência de características essenciais ao ensino ou apenas à falta de simpatia ao conteúdo. Diversos autores já trataram deste tema, onde podemos citar:

"Os professores, quando chegam à docência na universidade, trazem consigo inúmeras e variadas experiências do que é ser professor. Experiências que adquiriram como alunos de diferentes professores ao longo de sua vida escolar. Experiência que lhes possibilita dizer quais eram bons professores, quais eram bons em conteúdo, mas não em didática, isto é, não sabiam ensinar. Formaram modelos "positivos" e "negativos", nos quais se espelham para reproduzir ou negar".

(PIMENTA e ANASTASIOU, 2008:79

Assim, entende-se que, independente do grau do ensino, o docente e sua atuação marcarão expressivamente as memórias de seus alunos. Baseando-se nesta proposição, é inegável a necessidade de que o professor deve oferecer o melhor em seu posicionamento de formador.

2.1. Profissionais despreparados e seus reflexos. Qual o papel da Universidade?

Considerando o aumento expressivo citado anteriormente no número de docentes do ensino superior no país e, baseando-se no princípio de que a Instituição de ensino, sob raras exceções, lida massivamente com uma leva de professores principiantes que não tiveram em sua formação pedagógica conhecimentos aprofundados (sejam estes teóricos ou práticos, sobre o contexto em si da relação de ensino e aprendizagem) é preciso reforçar além da socialização que o professor deve trabalhar diariamente junto ao aluno, conduzindo sua conduta para que ali aconteça uma relação onde ambos atuem como agentes de formação, modificando assim, o resultado final da interação, deve acontecer uma intervenção direta destas instituições para modificar o cenário de maneira positiva.

Existem muitas exigências para que o educador seja considerado qualificado o suficiente para ocupar o cargo de professor universitário. Para que ingresse na docência acadêmica o professor deve possuir um currículo vasto, com títulos diversos e conhecimentos específicos na área. Quanto à exigência de titulações, é determinado através

do Decreto 2.207/97 que até o segundo ano de sua atuação, a Instituição de ensino tenha em seu quadro de contratados 15% de docentes pós- graduados stricto sensu e, dentre estes, que 5% sejam doutores. Conforme o tempo aumenta, as exigências sobem e no quinto ano de vigência, a instituição deve ter 25% e, destes, 10% doutores, no oitavo ano de vigência, com um terço, dos quais 15% de doutores, pelo menos. (PIMENTA e ANASTASIOU, 2008:40).

A pesquisa científica também é um dos fatores determinantes para a docência no ensino superior. Muitos que pretendem exercer o cargo de professor universitário se atentam demais a esta prática, dedicando menor atenção ao que consideram irrelevante ou que se desvie muito da pesquisa. Embora a metodologia científica esteja fortemente presente na grade curricular dos cursos, e ainda apesar de unida aos conhecimentos técnicos, apenas estes são critérios falhos para garantir uma aula de qualidade se o processo de ensino deixa de ter características que permitam um relacionamento produtivo entre seus envolvidos.

Fica claro assim que os docentes atuantes no ensino superior são extremamente capazes e que possuem um vasto conhecimento, porém, ainda é preciso lapidá-los para desenvolver a tão importante questão da didática pedagógica que não nasce automaticamente, apesar de currículos complexos e formações que derivam de anos de estudo.

O percurso de ensino precisa desta intervenção com o objetivo de orientação. A Instituição deve, além das exigências mínimas da formação, valer-se de meios diversos que permitam articular os saberes do docente à competência acadêmica do ensino.

Citando ainda Pimenta e Anastasiou (2002) onde os autores referiam-se ao processo de docência no meio do ensino superior e os caminhos que se pode tomar para alcançar e avançar na evolução pedagógica docente diz:

"O avançar no processo de docência e do desenvolvimento profissional, mediante a preparação pedagógica não se dará em separado de processos de desenvolvimento pessoal e Institucional: este é o desafio a ser hoje, considerado na construção da docência no ensino superior."

Pimenta e Anastasiou 2002 – p. 259

Este trecho nos explana ainda mais a ideia de que o ensino e a preparação profissional precisam ser vistos de maneira una para uma finalização positiva do processo junto ao aluno. Assim, a Universidade deve procurar meios de conseguir que aconteça desta forma.

É preciso constantemente avaliar o processo do ensino aplicado e, oferecer ao docente despreparado cursos ou atividades que o direcionem no desenvolvimento de suas competências. Projetos internos de desenvolvimento de pessoal que servirão de caminho para o desenvolvimento maior das qualidades acadêmicas, pedagógicas e interpessoais.

Embora exista no meio docente a certeza e real consciência de que a formação continuada é obrigatória para o acadêmico, a falta da conscientização quanto à necessidade do desenvolvimento pedagógico pessoal acaba por não ser a prioridade no processo de desenvolvimento profissional e a instituição de ensino empregadora voltando seus olhos a este assunto fará com que o professor busque melhorar e desenvolver suas

competências conforme o exigido.

Paulo Freire (2002) muito nos mostrava sobre a necessidade do aumento das concepções de ensino quando dizia que ensinar, aprender e pesquisar são elementos complementares e indissociáveis, além de indispensáveis para o conhecimento pedagógico.

Investir em formação do quadro docente é o ponto de partida destas instituições. Devem se tornar além do centro de ensino dos alunos e aplicar em constante formação também para os que compõem seu quadro, tornando-se um epicentro do estudo, da pesquisa e da formação de bons educadores, mantendo seu grupo de docentes constantemente em busca de melhores desempenhos.

É preciso que este processo resulte em conscientização da necessidade de interação direta e do quanto esta interação trará resultados positivos ao seu trabalho. Muitos professores deixam de se aproximar dos alunos, não permitindo a criação de vínculos, criando um método frio e distante de ensino, que não traz prazer nas aulas para quem ensina ou para quem aprende.

Aprender e ensinar precisam ser vistos de maneira unificada, já que se trata de uma relação entre quem ensina e quem aprende, primordialmente baseada na interação e respeito, em trocas de experiências em momentos diversos da aula e é necessário que o aluno sinta-se compelido e suficientemente à vontade para expor ali sua vivência.

Sendo uma relação pautada no aprender, muito terá a se trocar e culminará em uma mútua troca de interesses e saberes, resultando na aprendizagem que flui através da relação ali criada, consolidando-se em conhecimento e refletindo na qualidade do que foi transmitido.

3. CONCLUSÃO

É preciso ressignificar o modo como o professor enxerga sua profissão, suas particularidades e sua identidade docente. O processo de ensinar vai deveras além da simples troca de informações e conhecimentos e deve contemplar toda gama de meios para essa troca acontecer satisfatoriamente. Ensinar deve ser visto como uma relação de imprevistos diários, onde acontece um aprendizado bilateral e constante, baseado em respeito, trocas e opiniões divergentes, indo muito além do repassar informações mecanicamente.

Para que isso aconteça como deve, o professor deve entender mais sobre relações pedagógicas e, assim, desenvolver seu potencial docente, seja através de troca de experiências, cursos que aprofundem a teoria sobre o assunto ou da busca constante da evolução pessoal no aprender autodidata. O professor precisa enxergar o tamanho do papel que desempenha, dando a sua aula o valor e a atuação adequados à sua importância.

As instituições tem papel fundamental nesta melhoria e precisam repaginar sua visão do grupo docente, atuando diretamente em sua formação e aprendizado contínuo, unificando seu objetivo de ensino e permitindo a estes também aprender enquanto lecionam. Devem ter por objetivo além de recém formar profissionais para o mercado de trabalho participar diretamente da evolução de seus colaboradores docentes a fim de que estes possam tornar-se realmente educadores completos de ensino superior, sabendo lidar com pessoas, tornando-se parceiros de seus alunos no processo. Essa valorização do trabalho docente permitirá que os próprios professores analisem e compreendam